This interview is with Mário Lúcio Duarte Costa (a.k.a. Aranha, or spider), who is a Brazilian goalkeeper. He played for the Santos team, based in São Paulo and during a match against Grêmio in the city of Porto Alegre on 28 August 2014, Aranha was called *macaco* (monkey) by some Grêmio fans, who also imitated monkey noises. Duarte Costa expressed his anger on the pitch and, after the match, in the media, which gave the case a good deal of attention; he also filed an incident report with the local police. Footage of the event showed four people shouting and imitating monkey sounds, particularly a white woman identified as Patrícia Moreira. When Moreira made a tearful public apology in early September, he refused to meet her, but also forgave her in comments to the press, choosing not to proceed with a legal complaint. An official complaint was, however, taken forward by the Public Prosecutor’s Office, with the result that all four fans were temporarily banned from attending Grêmio matches; the match referees were suspended for a few months; and Grêmio was fined by the Sports Justice Tribunal and forced out of that year’s Brazilian Cup tournament. In the longer run, the owners of Santos started not to pay Aranha’s salary, he filed a complaint with the Ministry of Labor and, soon after, left the team, remaining unemployed for eight months, until eventually finding work as goalkeeper for another team, Ponte Preta.

The interview was carried out by Luciane Rocha in 2017.

**LUCIANE:**

Oi, boa tarde, tudo bom? Bom, Aranha, você poderia nos contar um pouco sobre a sua infância, sua família?

**ARANHA:**

Bom, a minha infância, apesar das dificuldades, foi uma infância feliz. Eram outros tempos, não é? Não tínhamos tanta modernidade, tecnologia como hoje, mas prevaleciam o improviso e as brincadeiras. Então, como a maioria, aonde eu fui criado, aonde eu cresci, foi uma infância muito tranquila.

**LUCIANE:**

E, quando criança você teve algum apelido que você considerava racista?

**ARANHA:**

Olha, quando criança a gente não tem noção, não é? Do que é racismo, do que não é… Às vezes a pessoa está te ofendendo e você acha que é uma brincadeira. Então, eram uns apelidos que não era apelidos meus mas eram muito comuns na época, não é. Então, tinham bastante apelidos que negro era tratado como buiu, tizio e várias outras coisas assim. Mas era um termo geral, e não especificamente para mim.

**LUCIANE:**

Entendi. E qual a sua experiência geral com o racismo? Quando que você se deu conta que você estava sendo vítima de racismo? Qual foi a sua primeira experiência? O que você lembra de mais forte?

**ARANHA:**

Bom, eu já na adolescência, não é... eu sou de 80, então quando eu estava na adolescência nos anos 90, foi a época que o Rap nacional deu um *boom*, ele alcançou uma grande massa, não é, de pessoas. Porque não tinha internet, então dependia do disco, do repasse disso daí. Então, foi uma época que teve uma crescente muito grande, então na periferia se falava muito sobre isso. E aí você acabava sabendo como funcionava e como eram as coisas nas outras cidades, nos outros estados, nos outros bairros, não é. E aí, através das músicas eu comecei a ouvir muito sobre racismo e eu comecei a prestar atenção nas coisas que aconteciam. E aí eu acho que foi nessa época aí que me despertou essa situação que me faz sempre estar pesquisando, estar estudando e falando sobre o assunto.

**LUCIANE:**

Então você já me responde essa pergunta seguinte que era sobre a sua formação política e racial. Você acha, então, que foi o Rap que levou a ter a formação política e racial que você tem hoje?

**ARANHA:**

Sim, com certeza. Era o que se pedia na época, não é? Na época, eu lembro que… são fases. A música… o Rap nacional ele passa por fases. Então, primeiro era de alta valorização, depois era de informação, de adquirir informação. Depois, era de não se calar, de não abaixar a cabeça. Então, a minha formação foi totalmente em cima do que o Rap dizia. Porque você não ouvia isso na TV, não ouvia no rádio. Então, era única fonte que tinha.

**RENATA:**

Você destaca algum grupo em específico?

**ARANHA:**

Bom, dessa época… dessa época, tinham vários grupos que até hoje permanecem como Racionais MCs, como Cambio negro, como Gog, thaíde,sabe, são vários grupos assim.

**LUCIANE:**

E você tem algum envolvimento, tem ou teve algum envolvimento com a Organização do Movimento Social Negro?

**ARANHA:**

Eu participo de algumas coisas, sim. Tenho participado de grandes eventos e de pequenos também, de simples também, não é. Isso eu já faço desde antes de ser o Aranha conhecido do futebol. Sempre fiz esse tipo de coisa. E, depois que eu fiquei famoso e reconhecido, aparece as oportunidades de falar para grandes públicos, não é. Então, sempre faço e… acho que não vou deixar de fazer mesmo depois que parar de jogar futebol.

**LUCIANE:**

Aproveito para mandar um recado da Débora das Mães de maio, que disse que te adora, e você sempre vai estar no coração dela. Ela pediu para eu te falar isso.

**ARANHA:**

Ah, que legal. Estava eu e minha esposa, a gente estava em Nova Iorque, nós encontramos com ela e foi super legal.

**LUCIANE:**

Sim… E, sobre a sua trajetória do futebol, não é. Geralmente esses atletas começam a treinar de muito pequenininho, não é, de jovenzinho. Você pode contar um pouco da sua trajetória para se tornar um jogador profissional de futebol?

**ARANHA:**

Sim. Bom, a cidade que eu nasci, Pouso Alegre, é uma cidade pequena do Sul de Minas. Não tem tradição em ter jogadores profissionais. Então, era mais um sonho do que um objetivo não é. Era aquele sonho de criança, de “moleque”, de ver somente na televisão, na TV, e simplesmente jogar, só sonhando, não é. Aí, em um determinado momento as coisas começaram a acontecer, começaram a surgir as oportunidades. Aí eu comecei a esbarrar mais uma vez nessa questão racial. Porque, eu acredito muito que seja pelo fato do Barbosa, na Copa de 50, não é. Era um goleiro negro e acabou falhando no gol, e o Brasil não foi campeão. Não é que deixou de ser campeão por causa do gol, mas foi um fato que marcou no jogo, e criou, não é, aproveitaram essa situação para excluir. Porque o futebol, na sua origem, era uma origem racista. Ele não aceitava negros, não é. Então, a partir desse momento criou aquele estigma que goleiro negro não sabia jogar no gol, não é. Então, muitos clubes onde eu ia, porque não sabiam que eu era negro… então, quando eu chegava no clube, me deixavam treinar um certo tempo e depois de dispensavam. E alguns diretores até falaram diretamente para mim: “*você é muito bom, mas você é negro. E goleiro negro não vinga*”. Então, eu tive que lutar, também, contra isso.

**LUCIANE:**

E aí qual foi o primeiro clube profissional que você jogou?

**ARANHA:**

Bom, eu joguei em Porto Ferreira, um time que era da quinta divisão do campeonato Paulista, time do Palmeirinho, porque o preparador de goleiros era negro. O preparador de goleiros era negro e todos os goleiros eram brancos. E ele também é um cara que se importa muito com essas coisas, ele é muito atento a essas questões raciais, e ele falou comigo. Falou “*olha, vai ser muito difícil, mas a gente vai trabalhar, e eu vejo que você tem condições de chegar.*” E aí ele me deu a oportunidade de trabalhar, e daí as coisas foram acontecendo.

**LUCIANE:**

Dentre os clubes pelos quais você jogou, bom você já falou sobre isso… você sempre observou essas questões raciais, não é? Dentro dos clubes…

**ARANHA:**

Sim.

**LUCIANE:**

Tá… Quer fazer alguma pergunta?

**RENATA:**

Você acha que os goleiros têm mais dificuldade do que as outras posições? Atacante, enfim… A posição de goleira traz mais dificuldades por você ser negro do que outros jogadores enfrentam jogando em outras posições?

**ARANHA:**

Traz, traz. Traz sim.

**RENATA:**

Por que?

**ARANHA:**

Até porque lá atrás, não é, teve essa brecha, desse fato, desse acontecimento. E, na linha são 10 jogadores. É difícil você conseguir juntar uma quantidade dessa, num bom nível, sem contar com a presença do negro, não é. Já no gol, você consegue um contingente maior de goleiro, sabe? Do mesmo nível, ou ali em disputa, então você já não necessita tanto. Então, o futebol vai mais pela necessidade. Então, se uma posição ela é carente, usa o que tem. Às vezes usa até o que não quer usar. Então, tem sim uma certa barreira, hoje muito menos, muito menos, mas ainda restam alguns diretores mais velhos, das antigas, que ainda tem esse conceito, esse pensamento.

**LUCIANE:**

Como foi a sua saída do Santos? Você acha que foi por conta do evento racista?

**ARANHA:**

Não, a minha saída do Santos foi uma série de fatores, não é. Meu contrato acabava, eu tinha muitos, muitos salários em atraso, eu estava muitos meses sem receber salário. Não estava num clima bom no clube, era uma época de mudança política também. Eu não estava me dando bem com a comunicação técnica. Então, uma série de fatores acabaram contribuindo para que eu tomasse a decisão de sair, não é. Claro que a maneira de sair, a porta de saída, eram os meses sem receber. Eu acho que é um direito de qualquer cidadão trabalhar e receber, e isso não estava sendo cumprido comigo. Mas não teve nenhum envolvimento com a questão racial.

**LUCIANE:**

E você já tinha algum indicativo de trabalhar no clube seguinte ou… Como é que foi essa transição?

**ARANHA:**

Eu já tinha algumas possibilidade, nada concreto, até porque eu tinha um contrato com o Santos, e eu não poderia negociar com outro clube sem resolver a minha situação no Santos. Mas eu tinha confiança no meu nome, no meu trabalho, sabia que apareceria alguma coisa legal. Então eu tomei essa decisão.

**LUCIANE:**

Como que você avalia os efeitos do caso da torcida do Grêmio na sua carreira profissional?

**ARANHA:**

Trouxe um prejuízo muito grande. Traz e vai continuar trazendo para o resto da vida. Para mim, é muito difícil, é muito triste, porque quando alguém pesquisa o meu nome na internet, logo já vem essa associação. Então, é muito complicado. Eu tive que falar não para todos os veículos de comunicação, eu tive que dizer não para todos os programas esportivos. Então, é a mesma coisa de um cantor ir lá e decidir que não vai cantar em rádio. Você está criando uma barreira naqueles que vão dar o seu aval, se você está bem, se você está mal. Vão te criticar ou elogiar. Eu tive muitos problemas. Então, eu tive muitos problemas, muitos problemas mesmo, continuo tendo, mas não me arrependo de nada. Então, o que aconteceu, é que antigamente tinha um público esportivo que conhecia o Aranha, e depois daquele fato, um público que não tem nada a ver com futebol, com esporte, também passou a me conhecer. Mas não trouxe benefícios, só prejuízos.

**LUCIANE:**

E a sua decisão de se fechar para os canais foi porque eles insistiam em falar na questão do racismo, o que que foi?

**ARANHA:**

É porque, eu que já vinha militando nessa área sozinho, sem partido político, sem participar nem do Movimento Negro diretamente, assim, eu sou muito atento a essas coisas e eu não queria ser usado. E eu sabia que eu ia sofrer retaliação. Então, eu tinha que ter muita frieza, muita inteligência para quê? Para que não dissessem que eu estava usando aquela situação para me promover dentro da minha carreira. Então, eu tinha que tomar uma decisão naquele momento: ou eu me posicionava, ou eu tomava conta, somente, da minha carreira. E eu decidi me posicionar, abrir, de certa forma, mão da minha carreira, colocar em risco, para poder me posicionar pensando no próximo, nos outros.

**LUCIANE:**

Falando do caso, especificamente, da torcida do Grêmio em 2014. Pode nos contar um pouco sobre ele?

**ARANHA:**

Bom, o fato é que sempre acontecia, não é. Mas até um certo tempo atrás, os estádios eram diferentes, os torcedores ficavam mais longe, não tinha tanto contato, não era tão próximo. Até por questões culturais nossas. Então, eles tinham que ficar bem longe. Tinha alambrado, cerca, um monte de barreira, não é. Com esse padrão FIFA, que é um padrão mais humano, mais humanizado, visando a proximidade, o respeito, essa falta de educação, essa falta de respeito, esse ódio que as pessoas levam para o futebol, acabou encurtando a distância. Então, você está praticamente cara a cara com a pessoa que julga você como um inimigo, não como adversário. Então, as ofensas, as atitudes desrespeitosas, acabaram acontecendo em um volume maior. Acabou ficando mais tenso para todo mundo que trabalha com futebol. E aí, dessa vez que eu cheguei na arena do Grêmio, a proximidade era muito grande, e eu estava ouvindo o jogo todo muita coisa. Muitas coisas eu estava ouvindo. E coisas pesadas. E eu pedia para filmar, sim. Mas ninguém queria filmar. Nenhum câmera virou para filmar. E aí, quando começou um coro muito forte, durante muito tempo, eu falei: “poxa, eu que sempre dou palestra, a minha palavra, sempre engajado nessa causa. Poxa, todo mundo vendo o que está acontecendo aqui pela televisão, e eu não vou tomar uma atitude?” E aí, eu fui e comuniquei o juíz. Quando eu comuniquei o juíz, o juíz não tomou uma atitude, na minha volta para o gol, a torcida comemorou. E eles diziam, claramente: “não, aqui, é assim mesmo que as coisas acontecem”, sabe? Eles fizeram um monte… Cometeram um monte de injúrias contra mim, e aí eu fiquei revoltado com aquela situação. E aí, depois disso que foram filmar. E uma emissora, somente, filmou, que nem é uma emissora brasileira, se não me engano. Pegou a imagem, e aí repassou, foram repassando as imagens, e aí tomou a proporção que tomou.

**LUCIANE:**

Entendi. E eu li que o árbitro não colocou na súmula, primeiramente, o que aconteceu não é? Só depois que teve repercussão que ele…

**ARANHA:**

Sim. Ele… Eu, nesse jogo, eu fui para o exame anti-doping. E estavam os árbitros, estava todo mundo lá, e eles pediram para ele: “*poxa, relata na súmula, não fez nada na hora do jogo, mas está passando na televisão agora. Relata na súmula*.” Mas, é, o futebol é um meio muito complicado. Um meio sujo de certa forma. Pesado. É muita grana envolvida, muita. Então, é o futuro de muitas famílias, então talvez ele tenha pensado no lado profissional dele, não é. Em preservar o lado profissional, do que realmente fazer o que era certo no momento.

**LUCIANE:**

E o que te fez registrar o boletim de ocorrência?

**ARANHA:**

Bom, em primeiro lugar, foram as imagens, porque quando alguém denuncia um tipo de preconceito, de racismo, seja qual for o motivo, raça, religião, orientação sexual, a primeira coisa que você é, é criticado. Porque você tem uma síndrome de inferioridade, você está querendo se fazer de vítima. Então, quando você tem provas, você consegue ganhar forças nesse tipo de atitude. E, quando eu entrei no vestiário, e vi que estava passando na TV, tinham imagens comprovando, eu falei, não, não tem porque não fazer. Se eu não tivesse nenhuma prova ali, talvez eu não fizesse. Porque aí sim pessoas viriam pesado em cima de mim, alegando que eu estava me promovendo em cima de uma situação. Até hoje tem pessoas que duvidam. Mesmo com imagens, tem pessoas que duvidam do que acontece. E as pessoas esquecem que não foi só aquilo que foi filmado. Tinha um contexto grande, tinha um número muito grande de pessoas que não foram registrada, mas, infelizmente, ou felizmente, para poucas pessoas acabaram sobrando.

**LUCIANE:**

E o MP que registrou a queixa, não é?

**ARANHA:**

Sim

**LUCIANE:**

Você acompanhou o processo? Como é que foi?

**ARANHA:**

O jogo acabou quase de madrugada praticamente. Daí, eu voltei com a delegação para o hotel, e aí a gente ficou de se reunir pela manhã com os advogados, para saber o que ia fazer, como fazer. Só que 6 horas da manhã, 7 horas da manhã, a polícia já estava lá. Já estavam no hotel, já com os papéis, com tudo. E colocou na mesa, e falou: “*oh, é com você. Está tudo aqui. Ou você assina ou deixa para lá.*” Eu falei, não, me dá aí que eu assino. Tem provas, todo mundo viu, então eu vou adiante, sim.

**LUCIANE:**

E você acompanhou, então, o processo da denúncia… ?

**ARANHA:**

À distância. Sempre me perguntavam sobre o que estava acontecendo. Até porque em momento algum eu tive a intenção de prejudicar ninguém. Mas se eu cometo um crime, se eu erro, eu vou ser cobrado. Então, se alguém comete um crime também tem que ser da mesma forma.

**LUCIANE:**

E o que que você achou da sentença?

**ARANHA:**

Bom, eu não tenho capacidade para dizer se foi justo, se foi pouco, se foi muito. O que eu posso comemorar é que houve a atitude, houve uma vontade em apurar e dar uma sentença, uma punição, não é. Mas, principalmente, porque aquela situação causou e causa um debate grande até hoje, não é. Aqui no Brasil tem o péssimo hábito de não se falar de um problema, achando que vai eliminar ele. Então, muitas coisas ficaram escondidas, muitas pessoas costumam me perguntar “*agora os casos aumentaram?*” Não. Aumentou o número de denúncias, os casos continuam os mesmos, as pessoas estão tendo mais coragem, acredito que depois de tudo aquilo, de denunciar. Então, é bem por aí. Acho que o que valeu mais, não foi nem a sentença, foi o debate.

**LUCIANE:**

E você lembra quais foram os termos da denúncia? Qual foi a sentença para o Grêmio?

**ARANHA:**

Bom, o Grêmio eu acho que foi a sentença mais leve, eles foram eliminados da Copa do Brasil mas por uma questão técnica e do jogo, provavelmente, eles seriam eliminados. Porque o Santos tinha jogado fora de casa, feito uma boa vantagem, e depois a gente jogaria em casa, com uma grande vantagem. Então, provavelmente, o Santos passaria de fase. Então, acabou ficando de bom tamanho para o Grêmio sabe? E, para os torcedores, aqueles torcedores que estavam lá e cometeram a injúria, eles ficaram sem poder acompanhar o clube durante um ano, não é? Essa aí foi uma pena leve, leve, injusta, porém, eles carregam até hoje, e vão carregar para o resto da vida, uma pena muito mais pesada. Porque hoje em dia não se aceita mais esse tipo de situação. Quem cometeu aquele ato, hoje não tem a liberdade e a confiança de ir em um show, em um aniversário, em um evento público, porque pode ser apontado. Então, tem que ter muito cuidado.

**LUCIANE:**

Principalmente a menina, não é, que ficou mais evidente.

**ARANHA:**

Sim, ficou mais evidente. Como ela nunca, não tem preparo nenhum para lidar com a imprensa, acabou fazendo uma série de besteiras que foram só agravando a situação dela. Então, para ela acabou ficando mais ruim, muita gente quando se refere a ela, se refere como racista. Nunca saiu da minha boca, eu nunca acusei ela de ser uma pessoa racista. Ela cometeu uma injúria, mas isso não faz dela uma pessoa racista. Às vezes, em um momento de raiva, a gente acaba cometendo um crime, mas não quer dizer que você é um criminoso, perverso, a vida toda. Então, está pagando pelo crime que ela cometeu.

**LUCIANE:**

Você recebeu algum tipo de indenização nesse processo?

**ARANHA:**

Não, e nem quis. Nem fui atrás disso. Até poderia ter tomado alguma medida nessa questão, mas preferi não. Porque não era a minha intenção, não é, e principalmente, também, porque tudo isso que está sendo debatido, e o foco que eu tive em fazer o certo, eu estaria jogando fora, não é, por estar exercendo o meu direito. Mas, para a causa, assim, para o movimento negro, para os negros que estão crescendo, para as crianças, seria muito ruim, porque tiraria a força.

**LUCIANE:**

Na época, como que reagiu o clube, o Santos? Você sentiu que teve apoio?

**ARANHA:**

Olha, eu não posso dizer que faltou apoio, não é. Mas também não fui apoiado, não tive nenhum tipo de suporte a mais, não vi nenhum engajamento nessa questão. Até porque os clubes são muito unidos, a diretoria se fala, fazem negócios de milhões. Então, não era uma questão de clube com clube. Era uma questão de torcedor mau educado com o Aranha. Então acabou não envolvendo o clube. Claro que o nome do clube acaba sendo sempre citado.

**LUCIANE:**

E com relação ao treinador e a outros jogadores? Como é que você sentiu o clima? Ouviu coisas negativas?

**ARANHA:**

Da parte dos jogadores do Santos, da parte dos Santos, muitos vieram me dar um apoio. Mas sem entender o que estava se passando realmente, porque o negro, o jovem negro brasileiro, hoje, ele não se interessa pela sua história. E até uns 15 anos atrás, era vergonhoso falar da sua história. Então, hoje, praticamente quase nenhum sabe de nada. Sabe? Eles não têm noção nem do que é racismo, porque não conhece a sua história, não conhecem nada. Então, da parte do meu time, eu tive um apoio, mas aquele apoio vago, e não culpo, porque falta conhecimento. E do adversário, a mesma coisa. Uma coisa mais formal, meio que para dizer “olha, eu não participo disso”, não é? Tanto que eu recebi uma carta do treinador, e logo depois, vazou uma fala dele no treino me criticando, dizendo que eu armei tudo aquilo. Sabe? Então é difícil porque comparado a outros lugares, aqui no Brasil você não sabe de onde vem, quem realmente pratica, quem não pratica, quem é quem não é...

**LUCIANE:**

O Grêmio ou os torcedores fizeram algum movimento com o fim de se desculpar pelo o ocorrido?

**ARANHA:**

Não… não, não. O que eu vi, é, sabe, as vezes o esforço de um ou de outro, que nem representam a torcida do Grêmio, não é, querendo se desculpar, querendo mostrar que, poxa, não são todos, mas a grande maioria sim. Infelizmente, a grande maioria, sim. Quando eu piso lá, eu sou visto com ódio, as pessoas tem ódio de mim. E não é pelo jogo, sabe? Na última partida, tinham duas pessoas, um garoto e um rapaz, com um cartaz pedindo desculpas, lamentando o fato, dizendo que eles representavam a torcida do Grêmio. Só que só tinham dois com esse pensamento, pelo menos que eu vi, que manifestaram publicamente, e tinha outros 15 mil contra. Então quem representa quem?

**LUCIANE:**

É… meses antes do caso com o Grêmio, o time tinha sido condenado por um episódio de racismo envolvendo um jogador do Internacional. Não sei se você se lembra disso. Nesse caso, a multa aplicada foi, inclusive, maior do que eles tiveram que pagar em relação ao seu caso. Porque você acha que o seu teve tanta repercussão?

**ARANHA:**

Pra nao dizer que eu sou o único, não é, no futebol, eu vou dizer que eu sou um dos poucos que sabe o mínimo necessário da história, que tem um posicionamento, que tem o que falar. Então quando a pessoa te entrevista, e você tem o que responder, não vive só de frases feitas, não é, então rende, o assunto rende. Então, quanto mais eu falava, mais gente se interessava em me ouvir, e isso foi virando uma bola de neve. Então vinha o pessoal da França, vinham de todo lugar querendo saber o que se passa aqui. Então, eu encontrei com muitos atletas, convivo com muitos atletas negros… Eu acho que desde que aconteceu o fato até hoje, se marcar, eu acho que 2 jogadores me perguntaram alguma coisa sobre o assunto nesse tempo todo. Então, não tem interesse, não tem conhecimento. Por isso rende, porque eu sou a única pessoa pública, em atividade nesse momento, que tem o que falar sobre o assunto.

**LUCIANE:**

Entendi. E, na mesma época, que aconteceu isso com você, aconteceu aquele episódio de injúria racial com outros jogadores, não é? Teve com o Daniel Alves, com o Neymar, não é, com todos esses outros. O que que você considera que… Você atribui a quê essa leva de injúria racial contra jogadores negros nos estádios?

**ARANHA:**

É, na verdade, diminuiu muito. Porque hoje são muitos veículos de comunicação transmitindo as partidas em tempo real. Hoje qualquer um tem um celular com câmera, que pode filmar, pode tirar uma foto. Então a exposição aumentou muito, e isso acabou inibindo muita gente. Há um certo tempo atrás, quando eu comecei a jogar, eram muito maiores os ataques, em em quantidade muito maior, e mais perigosos, mais ferozes. Sabe? Era muito difícil mesmo. Com a chegada da internet, dessa expansão para todo mundo, acabou segurando um pouco, mas chega uma hora que transborda, não é? Chega uma hora que não tem como esconder totalmente. Então, você vai ver um caso aqui, um caso ali, que se não tivesse sendo filmado, ficaria a vontade para todo mundo falar o que quiser.

**RENATA:**

E sobre o uso da internet para divulgar casos assim...tem as hashtags a favor, mas também tem as hashtags preconceituosas, racistas, que te condenam. Enfim, como você vê esse movimento, essa briga na internet?

**ARANHA:**

É, nunca foi fácil. Nunca foi fácil. Sempre que você se posiciona, não é, você vai ter opositores. Do mesmo jeito que tem pessoas que lutam contra o racismo, existem pessoas com conceitos racistas. Então, se você for olhar tudo o que se fala na internet, você acaba perdendo o foco daquilo que você quer. Você tem que ter convicção naquilo que você acredita e absorver somente as coisas boas. Aquilo que vai ser proveitoso. Às vezes, o seu inimigo ele tem alguma informação que te faltava. Então, ele tem inteligência para isso. Agora, falta de educação, falta de respeito, gente querendo esculhambar, sabe, querendo se aparecer, isso é uma coisa normal hoje na internet. O mal uso da internet ele é bem mais utilizado.

**LUCIANE:**

E o que que você acha dessas campanhas: “somos todos macacos”, “não somos racistas”, ou a a própria que o Grêmio lançou, não é, “somos todos azul e branco”. Você acha o que dessas campanhas?

**ARANHA:**

Ah, eu não sou macaco. Sabe? Eu não sou macaco. Nesse sentido, não. Aqui, na Ponte Preta onde eu jogo, o nosso mascote é uma macaquinha. É um macaco porque foi o primeiro clube a aceitar negros. Então, todos os outros torcedores, todos os outros times, chamavam os torcedores da Ponte e os jogadores de macaco. Então, foi uma maneira deles blindarem isso, não é. Transformar o que era ofensa em elogio. Foi uma sacada muito bacana. Há 117 anos atrás. Então, aqui não funciona. Mas, é muito simples você definir quando uma pessoa está te atacando ou quando está brincando. Ninguém cruza com um negro na rua e chama ele de macaco simplesmente, porque sabe que pode sofrer uma agressão, pode ser preso. Então, o problema não é a palavra, o problema é o conceito que a gente emprega nela.

**LUCIANE:**

Sim. Aranha, no mês passado, quando você voltou à arena do Grêmio, o clube destacou uma câmera para ficar te filmando durante toda a partida, e o assessor jurídico disse que, justificou isso dizendo que você era uma pessoa muito perigosa. O que você avalia de toda essa situação, como é que você vê isso?

**ARANHA:**

Bom, me desagradou bastante, mas já era esperado. A primeira coisa que eles vão tentar fazer é provar o contrário. Brigar contra as imagens, não é. Então eles queriam uma brecha, um desequilíbrio meu para poder mostrar: “*está vendo, a culpa foi del*e.” E sempre foi assim, nos confrontos históricos, a luta do negro sempre foi assim por justiça, por direitos, sempre foi marcado por essas situações. Sempre a culpa era do negro, sempre a culpa era de quem sofre a opressão, nunca a culpa era do agressor. Isso acontece nos casos das mulheres, nos casos de estupro, é sempre assim. A mulher foi estuprada porque ela usava uma roupa assim, não porque o cara era uma má pessoa. Então o caso do Grêmio foi a mesma coisa. Eles esperavam um desequilíbrio. Eu imaginava, estava preparado, que tivessem pessoas atrás de mim, do gol, para me provocar o tempo inteiro, para me tirar a minha concentração, para eu fazer um gesto, cometer algum tipo de injúria, então eu fui bem preparado para isso. Fui preparado para uma guerra praticamente.

**LUCIANE:**

E foi uma guerra mesmo, não é?

**ARANHA:**

Uma guerra muito grande psicológica.

**LUCIANE:**

Então, isso demonstra que não teve nenhuma mudança de posicionamento em relação ao Grêmio, nenhum medo, ou alguma maneira de evitar outros casos. Você acha que houve alguma mudança após esse fato?

**ARANHA:**

Eu acredito nas atitudes. Quando o Grêmio coloca no telão propagandas contra o racismo, não é, para mim ele está sendo hipócrita. Porque nas atitudes mostra. Essa atitude que ele tomou, mostra o que o realmente o Grêmio tem intenção de fazer. O que realmente eles acreditam. Se a diretoria, as pessoas que representam o Grêmio, se eles acreditam fielmente que a culpa foi minha, que eu estou errado, que eu sou perigoso e que eu cometi um crime, sabe, não precisa explicar mais nada. Então, por mais que falem: “*ah, não, aqui a gente não é*”, mas cada atitude dessa só reforça aquilo que eu falei lá atrás. Não são todos? Não são todos. Mas a maioria.

**LUCIANE:**

E você poderia, só para a gente mudar um pouco, dar uma aliviada nessa raiva que a gente vem sentindo, não é, quando começa a falar. Mas, por outro lado, você também recebeu alguns prêmios e foi aclamado nas redes sociais, por todo o movimento negro, você pode contar um pouquinho disso pra gente?

**ARANHA:**

É, quando eu me posicionei, tive aquela atitude, eu tive muita preocupação em não receber apoio. Mas não apoio de tapa nas costas, de “*ah, parabéns*”, da pessoa estar com você, te defender, porque senão fica muito pesado. E esse respaldo eu acabei tendo, de muitos negros,porque alguns, vários negros, ficaram contra mim, sabe?

**LUCIANE:**

Dentro do futebol ou fora?

**ARANHA:**

No geral, de maneira geral. Porque cada vez que eu apareço na tv, falando sobre questão racial, no outro dia ele vai para o trabalho, e às vezes ele é o único negro no trabalho, ou no setor dele ele é o único, e ele já vai pensando: “*nossa, o que que o Aranha fez? Agora eu vou ter que debater, vou ter que aguentar piada, aguentar provocações, dos meus colegas*”. Aí, ele fica revoltado comigo, não com os colegas de trabalho, o meio de trabalho dele. Então, é complicado. Então, nesse momento eu precisava muito de apoio e acabei tendo. Apoio de gente grande, de celebridades grandes, e foi muito bacana isso, só reforçou a minha atitude. Quando eu ganhei o prêmio de Direitos Humanos, isso aí para mim foi o melhor prêmio que eu ganhei até hoje, apesar de não ser um prêmio que eu busquei, que eu queria ter ganho, não é.

**LUCIANE:**

Quem concedeu o Prêmio?

**ARANHA:**

Foi a então Presidente da República, a Dilma, na época. Mas não foi ela que “*ah, vamos dar o Prêmio para ele*”. Fizeram uma votação na Câmara e eu ganhei por unanimidade. Mas, acaba reforçando que você tem que se posicionar sim, e mostrar o que é certo e o que é errado. Apesar de todos saberem o que é certo e errado, às vezes você tem que ir lá e reforçar. E foi muito bom.

**RENATA:**

Você mencionou que recebeu apoio de várias organizações, de várias pessoas, você consegue citar algumas para a gente?

**ARANHA:**

Bom, a UNICEF foi uma, não é. Ah, são várias, são várias. A faculdade Zumbi dos Palmares, não é, muita gente. Seria até deselegante, porque eu iria lembrar de uns…

**LUCIANE:**

Durante muito tempo, o Governo brasileiro e as elites propagaram que o Brasil não era um país racista por conta, justamente, de ser um país do Carnaval e do Futebol, que unia as raças e tudo mais. Como você avalia essa questão de dizer que o país vivia uma democracia racial?

**ARANHA:**

Bom, a gente vive uma grande mentira, não é. Tudo isso foi construído ao longo de muitos anos, muitos anos. Então, é um processo histórico complicado, mas tudo explicável, não é? Quando se encerrou o período de escravidão no Brasil, se criou um problema imenso. Você tinha 1 milhão e meio de pessoas negras, ou não brancas, e tinha 500 mil brancas. Então, se isso virasse uma revolta, uma guerra, você imagina o que seria. Não é? E, por outro lado, e agora, o que fazer com essa turma toda? E o Brasil, buscando mudanças, não para melhorar a vida dos escravos, mas para melhorar como país, se baseando nos moldes europeus, não é? Então, criou aquela situação de embranquecer a população, através da miscigenação, através da eugenia, através de várias formas que eles foram buscando. E aí, por isso, tantas misturas. Não é? Então, isso não foi uma coisa feita de maneira natural e legal. Isso foi feito de uma maneira triste, cruel, e depois acabou sendo usado como desculpa, e até mesmo como pretexto, por grupos americanos, e de outros lugares, que enfrentavam os mesmos problemas e precisavam mostrar para alguém: “*olha, a solução é aquela ali. Ali funciona*”. Então, o Brasil serviu de referência para os Estados Unidos, por uma boa parte do tempo, como um conceito de República que deu certo, onde as pessoas viviam em harmonia, independente da raça. Só que não era uma verdade isso. A gente chama de distorção da realidade, para se dizer assim. Então, foi muito complicado e continua sendo até hoje. A gente vive em cima dessa desculpa criada pelos Americanos.

**LUCIANE:**

Para além das faixas levadas nos eventos, não é, que os clubes colocam no telão, a torcida leva faixa. O que mais os clubes poderiam fazer para a luta contra o racismo?

**ARANHA:**

Bom, eu acho que os clubes podem fazer muito pouco, não é, fazer muito pouco. Agora, a população pode fazer uma transformação gigantesca. Muito grande. Primeiro, o negro se interessar mais pela a sua história, procurar saber a origem das coisas, o porquê das coisas, e passar para os filhos, não é. Não ter vergonha da sua história, saber que o negro não ganhou nada, ele conquistou tudo, não é. E que, mesmo na época da escravidão, tinham grandes personagens negros, eles se formavam médicos, advogados, políticos, inventores. Os escravos, o negro participou da construção do país. E parece que não, que a gente, simplesmente, que o negro trabalhou na lavoura, enquanto o país era construído, e tudo de bom que foi feito, não foi feito pelo negro. Então, eu acho que a gente tem que saber a nossa história, e um vigiar o outro. “*Ah, nós 5 não somos racistas”,* mas a gente se cala quando alguém tem uma atitude racista do nosso lado. Então, se a gente se posiciona, e cobra dessa pessoa, aí sim a gente vai começar a ver mudanças.

**LUCIANE:**

Então, você acha que as instituições, os clubes, as Federações, lutam contra o racismo?

**ARANHA:**

Fazem o politicamente correto, sabe? No meu ponto de vista, o Brasil hoje é o país da hipocrisia. A gente fala muito e faz pouco, em todas as áreas. Na política, na religião, na área racial, social. Se fala muito, mas se faz pouco. Então, enquanto eu não estou sendo afetado, eu até falo sobre o assunto, mas não me posiciono, quando eu deveria me posicionar. Eu acho que a maior dificuldade é essa. A gente vive em um país de mentira.

**LUCIANE:**

Última pergunta que eu queria te fazer é sobre a ascensão social de jogadores negros e Racismo, que é usada muitas vezes como justificativa para dizer que não existe racismo no Brasil, não é. Com a possibilidade dada a um ou outro. É, como que você vê isso? Como você avalia essa situação?

**ARANHA:**

Bom, é mais um grande engano. Não é, é mais uma das mentiras que a gente vive aqui no Brasil. Por que? Porque para cada negro que tem uma ascensão social boa dentro do futebol, ou da música, ou na televisão, não é, atuando, tem 1 milhão, sei lá quanto, cem mil, dez mil, que não tem a mesma condição e passam por muitas dificuldades, muito preconceitos, enfrentam muitas barreiras. Então, é fácil você pegar os exemplos, não é. Então, eu costumo sempre dizer: “*quantos médicos negros você conhece?*” Eu conheço um. E ainda fala como se fosse muito. Não é? Aí eu falo: “*está bom, e brancos*?” E a pessoa nem tem como contar, perde a conta, não é? Então, é sempre dessa maneira, apontando as exceções e querendo usar ela como regra.

**LUCIANE:**

E você acha que sofre racismo fora do futebol? No seu dia a dia?

**ARANHA:**

Sim, sim. Às vezes percebo, às vezes não percebo, porque as coisas são bem camufladas, mas não deixo de sofrer. A minha questão social não vai afetar. pode até me blindar, as pessoas até me toleram, mas isso não quer dizer que eu sou aceito. A partir do momento que eu não tenho mais a condição que eu tenho hoje, vou perder muitas coisas. Então, não é uma questão resolvida.

**LUCIANE:**

Sei. Última mesmo. Você acha que… Você já mencionou qual a dificuldade de aparecer um goleiro negro, não é, nessa máquina do futebol, e com relação aos treinadores. A possibilidade de ter treinadores negros, como é que você vê essa questão?

**ARANHA:**

Bom, quando eu tenho a oportunidade, e eu acho que isso aconteceu 2 ou 3 vezes, em 15 anos que eu tenho de carreira, de encontrar um treinador negro, eu faço questão de ir lá e dar os parabéns, porque é mais um meio muito complicado, muito complicado, pela origem do futebol, não é? Construiu um futebol em cima de uma supremacia branca, e conforme foram surgindo as necessidades, foram encaixando. Talvez pelo contingente de treinadores brancos, não tinha a necessidade de buscar uma outra situação, uma outra alternativa, então prevalece a maioria, não é? Mas aos poucos estão chegando, estão surgindo, mas aí cabe também dos jogadores, que tem intenção de ser treinadores, ou da pessoa que quer ser um treinador de futebol, e é negro, se capacitar, não digo mais. Porque, para mim, não serve essa história: “*ah, você é negro? Então tem que fazer 10, 20 vezes mais.*” Não. É igual. O critério é o mesmo. Se vale… se são 10 pontos para você, são 10 pontos para mim. Então, se eu não tenho privilégios, eu também não quero ter prejuízos. Então, a matemática é a mesma. Então tem que se capacitar igualmente, e sobressair o potencial dele. Se tiver qualidade, potencial para trabalhar como treinador de futebol, que assim seja.

**LUCIANE:**

Tem alguma coisa que eu não te perguntei que você queria falar, deixar registrado?

**ARANHA:**

Não..

**LUCIANE:**

Obrigada pela entrevista.

**ARANHA:**

Por nada, espero que tenha sido proveitosa.